De Dr. Jekyll a Mr. Hyde: as obras de Gilberto Freyre e sua trajetória intelectual

From Dr. Jekyll to Mr. Hyde: the works of Gilberto Freyre and his intellectual trajectory

Felipe Cazetta[1]
Universidade Estadual de Montes Claros (Brasil)
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2110-7531

Recibido: 18-07-2024
Aceptado: 31-10-2024

Resumo

Gilberto Freyre foi sociólogo fundamental na compreensão da formação da sociedade brasileira, suas contradições e complexidade. Todavia, por possuir produção intelectual longeva, alguns de seus textos são polêmicos provocando ruídos na recepção acadêmica. Diante disso, pesquisadores se debruçam por organizar em etapas a produção de Freyre. O objetivo deste artigo é oposto, por justamente buscar compreender não os intervalos ou etapas, mas a continuidade na obra de Gilberto Freyre, desde de seu período de formação nos Estados Unidos, até sua associação ao regime salazarista. Assim, busca-se compreender suas nuances, contradições e permanências, tal como seus objetivos, paixões e influências intelectuais.

Palabras-clave: Gilberto Freyre, trajetória, história intelectual, "equilíbrio dos antagonismos", lusotropicalismo.

Abstract

Gilberto Freyre was a fundamental sociologist in understanding the formation of Brazilian society, its contradictions and complexity. However, due to his long-standing intellectual production, some of his texts are controversial, causing noise in academic reception. Given this, researchers are focusing

[1] (felipecazetta@yahoo.com.br). Professor de História Moderna e Contemporânea da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), e professor permanente do Programa de Pós Graduação em História da Unimontes. É doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É autor de livros e artigos entre os quais destaca: "Fascismos: análises do integralismo lusitano e da ação integralista brasileira (1914-1937)". 1. ed. Jundiaí: Paco editorial, 2019. v. 1. 300p; O Salazarismo entre o lusotropicalismo e o nacionalismo messiânico. Acervo: Revista do Arquivo Nacional, v. 37, p. 1-21, 2024; Entre o fascismo e o salazarismo: o percurso do Integralismo Lusitano à radicalização. Anuario Colombiano De Historia Social Y De La Cultura, v. 50, p. 353-378, 2023.

on organizing Freyre's production into stages. The objective of this article is opposite, as it seeks to understand not the intervals or stages, but the continuity in Gilberto Freyre's work, from his formative period in the United States, to his association with the Salazar regime. Thus, we seek to understand its nuances, contradictions and permanence, as well as its objectives, passions and intellectual influences.

Keywords: Gilberto Freyre, trajectory, intellectual history, "balance of antagonisms", lusotropicalism.

O médico e o monstro: apresentação do percurso intelectual de Freyre e de suas obras

Gilberto Freyre (1900-1987) esteve vinculado a uma geração de intelectuais latino-americanos empenhados em reabilitar as tradições culturais locais e regionais, bem como de valorizar o que há de nativo, diante da ameaça estrangeira que descaracterizaria o patrimônio nacional (Castelo 1999: 18). O sociólogo pernambucano atuou não somente no campo intelectual, mas também político, para oferecer alternativas ao liberalismo e à modernidade. Deste modo, alimentava interesses comuns a uma fértil gama de autores portugueses, como António Sardinha (1887-1925) e Fidelino de Figueiredo (1888-1967), e espanhóis – tais como Angel Ganivet (1865-1898), Miguel de Unamuno (1864-1936) e Ortega y Gasset (1883-1955) (Schneider 2022: 3). Portanto, Freyre dialogava com agendas da segunda metade do século XIX, apesar de cronologicamente (porém, não em termos de identidade e afiliação intelectual) estar situado em geração imediatamente posterior.

As contribuições de Freyre são evidentes e fixadas em diversos campos das ciências humanas e sociais, ao estabelecer análises referentes à formação da identidade e da nação brasileira, através das colaborações dos negros. Suas conclusões divergiam dos exames que prestigiavam o branqueamento étnico e de viés eugenista, perspectiva cientificamente hegemônica durante a primeira metade do século XX.

Ao ampliar o escopo de suas análises, a partir dos anos 1940, Freyre prestigiou a mestiçagem, e não a pureza racial, como mecanismo bem-sucedido de colonização e fixação, bem como construção de sociedades nos trópicos. Assim, o português é compreendido como o elemento mediador e integrador de culturas, sociabilidades e afetos em diferentes partes do mundo, situadas nas regiões dos trópicos. Tais aspectos alçaram Freyre à posição de cânone da sociologia no Brasil, que nas últimas décadas percebe seus pilares abalados pelos posicionamentos políticos assumidos pelo autor, e pelos usos que suas

teorias possuíram como instrumento de corroboração de regimes autoritários de direita tais como o salazarista, após a Segunda Guerra Mundial.

O cânone perpassa pela representação fundacional, e neste aspecto, Freyre, juntamente a Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda, constituem os intérpretes canônicos da compreensão das bases da sociedade brasileira. "O cânone é essa possibilidade de inscrever-se em uma memória, com sistemas de preservação próprios – como a biblioteca, o museu etc." (Mazzola 2015: 33). Deste modo, o cânone tende a acumular determinado capital simbólico em seu campo, que transcende a existência física do autor, e fazendo da sua obra um clássico relativamente estável, apesar das transformações e distinções sucessivas entre os contextos em que é lida, e o momento que foi escrita (Heinich 2008: 102).

Com o intuito de preservar, ainda que parcialmente, o patrimônio intelectual construído por Gilberto Freyre, percebem-se operações de separação e cortes cirúrgicos, no intuito de organizar fronteiras entre o "jovem Freyre" e o "velho Freyre"; a obra com preocupações sociológicas e aquelas que são cooptadas pelo campo político; ou através de etapas e décadas, caracterizando o desenvolvimento analítico de Gilberto Freyre em intervalos de aprofundamento e refinamento científico.

Através dos pesquisadores e comentadores da obra de Freyre, cria-se espécie de tipos ideais do sociólogo pernambucano, condensados em etapas distintas de sua vida intelectual, detectada através da seleção consciente dos textos produzidos entre os anos de estudo em Baylor até o encerramento de suas atividades. Tais esforços caminham no sentido de estabilizar as fissuras apresentadas nas colunas de sustentação do cânone freyreano.

Tal como no romance de Robert Louis Stevenson, *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde,* na historiografia Freyre é apresentado ora com aspectos progressistas e interessado em desembaraçar os preconceitos científicos, sendo próximo de um Dr Jekyll; ora visto pós-1945 como figura diferente da anterior, que fornece colaboração a ditaduras e concebe as bases do racismo estrutural (Mr. Hyde). No entanto, tal como Jekyll e Hyde são compósitos de um mesmo personagem, as divisões operadas na obra de Freyre, criam cortes e divisões artificiais. Assim, há o interesse em compreender as operações de transmutação de médico em monstro, procedida ao longo das alterações de contextos históricos passados por Gilberto Freyre.

Ao consultar textos da última década, escritos por pesquisadores de referência obrigatória sobre os estudos da obra de Gilberto Freyre, percebem-se cortes e separações em sentidos distintos, com o intuito de classificar e organizar sua produção intelectual. Elide Rugai Bastos (2006) aponta para a alteração de preocupação de Freyre entre os anos de 1920 e 1930, quando da primeira década, firmava-se na crítica aos aspectos superficiais de imitação

estrangeira, com o intuito dos nacionais se fazerem modernos. Por outro lado, na década seguinte, Freyre estabeleceu suas preocupações sobre a consolidação da identidade nacional através da investigação do passado, detendo-se no período da colonização portuguesa e do império no Brasil.

> Nota-se, claramente, uma mudança de clave na explicação gilbertiana: seus trabalhos da década de 20 apontam simultaneamente para dois pontos aparentemente contraditórios. De um lado, denunciam um crescente processo de falsa modernização que destrói as tradições nacionais; de outro, reclamam sobre a não-modernização científica e institucional, meta que, se não alcançada, impedirá ao Brasil firmar-se como nação do século XX. /As obras dos anos 30 voltavam-se à reinterpretação do passado nacional, aos estudos sobre as questões racial e cultural. (Bastos 2006: 51)

A crítica à modernidade de Freyre, dos anos 1920 se estendeu até o período pós-Segunda Guerra Mundial, sendo encontrada também nos estudos lusotropicais. Freyre (1925: 3) apresentou em seu artigo "A propósito da campanha do Sr. Hardman", de 12 de abril de 1925, a seguinte afirmação referente ao período colonial e do império no Brasil: "Os escravos, mais felizes que os trabalhadores de eito e os operários de fábrica de hoje – tese muito fácil de provar – eram tão bem alimentados nos engenhos, que o fato é destacado por grande número de viajantes do século décimo nono, muitos deles abolicionistas até á raiz dos cabelos: (…)". Tal defesa é bastante próxima à encontrada em *Interpretação do Brasil*, primeira edição de 1947, onde o sociólogo pernambucano apresentou:

> [...], visto em conjunto, o regime da escravidão nos engenhos nas fazendas brasileiras no século XIX parece ter sido bem menos despótico do que a escravidão em outras regiões da América; e menos cruel – se se pode admitir grau a crueldade – do que o regime de trabalho na Europa industrial durante os terríveis cinquenta primeiros anos do *laissez-faire* econômico que veio após a Revolução Industrial. (Freyre 2001: 126)

Em ambos os casos, separados por duas décadas, há a denúncia das condições insalubres que a produção capitalista, em sua fase industrial, expõe os trabalhadores. Em via oposta, Freyre buscou destacar aspectos positivos nas relações sociais dos escravos nos engenhos brasileiros. Quando postos lado a lado, há explicitamente a interpretação de superioridade das condições de vida do escravo brasileiro, em detrimento dos operários das fábricas. Como pano de fundo, tanto em 1925, quanto em 1947, Freyre apresentou a crítica à modernidade, à aceleração da produção, que vulgariza o trabalho e a própria existência dos trabalhadores. Todavia, a crítica ao capitalismo não deve ser

compreendida como adesão ao pensamento de esquerda, mas uma tentativa de reabilitar, através da tradição, as maneiras de produzir, das relações sociais e de cultura, anteriores à ascensão das formas contemporâneas de capitalismo.

Não se partilha, portanto, do entendimento de Rugai Bastos, onde haveria uma mudança de chave nas análises de Freyre entre os anos de 1920 e 1930. Entende-se, ao contrário, a existência de aprofundamento da condenação da modernidade iluminista, e para isso buscou aumentar os níveis de lapidação para seus pontos defendidos, e ampliar seus espaços de análise (tanto em âmbito geográfico como temporal), com o interesse de apresentar alternativas viáveis de desenvolvimento. Afinal, o interesse em apresentar tal civilização inaugurada pelo português nos trópicos era justamente combater o monopólio civilizacional imposto pelo imperialismo anglo-saxão, e pelas correntes de pensamentos disseminadas a partir da Revolução Francesa, em destaque: o liberalismo, o individualismo, a democracia liberal e o socialismo. Apesar da condenação à modernidade se pronunciar, mesmo que de maneira intuitiva, entre os finais dos anos 1910 e ao longo da década de 1920, tal aspecto se manifestou de forma perene na obra de Freyre.

Alessandro Candeas (2010) apresenta organização distinta da procedida por Elide Rugai Bastos, compreendendo em suas análises que entre os anos de 1920 e 1930 a atuação de Gilberto Freyre se fez sobre as investigações da formação social do Brasil. Desse modo, sobressaía na obra de Freyre a mestiçagem, a formação cultural e social híbrida. "A partir dos anos 1940", segundo Candeas (2010: 164),

> o interesse de Freyre deixa de voltar-se exclusivamente para o estabelecimento dos fundamentos da identidade e da história social do Brasil – (...) – e eleva-se à dimensão internacional e políticas dos conflitos culturais: para ele, não se tratava mais de compreender uma sociedade nacional, mas de defender uma civilização – a luso brasileira – em face dos imperialismos culturais.

Sobre este aspecto, é necessário atentar a um viés bastante específico e precioso das análises de Freyre, que é a indiferença relacionada a delimitações geográficas, nacionais ou mesmo temporais, para se verificar influências, traços e marcas de identidade, cultura e plasticidade do processo de mestiçagem. Desse modo, salvo melhor juízo, Freyre é um dos precursores dos estudos transnacionais. Tal aspecto pode ser demonstrado em suas obras dos anos 1930, como *Casa Grande & Senzala,* em diversos momentos, entre estes a explicação da forma precoce que o português se depara, e de certo modo, é formado pelo "outro", em diferentes aspectos e níveis de contato: "a [vantagem] da sua moral sexual, a moçárabe, a católica amaciada pelo contato com a maometana, e mais frouxa e mais relassa que a dos homens do Norte". (Freyre 1998: 21). Desse modo, o nacional e o internacional se confundem, se diluem, e, em certos

momentos, assumem características secundárias, diante do protagonismo dedicado às interações sociais, culturais e sexuais para a formação da sociedade brasileira e, em análises posteriores, a partir dos anos 1940, da civilização lusotropical.

Para além das questões metodológicas, há também a percepção do corte ideológico nos estudos de Freyre, cuja a viragem é saliente a partir dos anos 1950 com os usos do lusotropicalismo pelo regime salazarista. Pallares-Burke e Burke (2009: 183) e Baggio (2010: 16-17) destacam as mudanças na recepção da obra de Freyre entre a intelectualidade de esquerda e centro-esquerda, em decorrência de sua aproximação com ditaduras de direita, em Portugal e no Brasil. Porém, através de leitura das colunas e artigos de Gilberto Freyre, produzidos durante seus estudos nos Estados Unidos, até seu retorno a Recife, constata-se que não foi a visão de mundo do autor que foi alterada, mas o contexto em que escrevia, influenciando, portanto, na maneira que seus leitores receberam suas obras e suas ideias.

Entre os anos 1920 e 1940 os escritos de Freyre, distribuídos entre crônicas, artigos, palestras e obras, possuíam refinamento analítico, com fortes traços etnográficos (demonstrando as influências antropológicas de Boas e Giddings, resultantes do período de estudos nos EUA). Os assuntos dividiam-se entre vida cotidiana, aspectos culturais e tradição local e regional (Larreta; Giucci 2007: 106). Apesar do refinamento e do traço etnográfico se sobressaindo, mesmo de maneira intuitiva, seus escritos eram atravessados pelo repúdio à alteração dos costumes sociais, sexuais e de comportamento (expresso nas formas de se vestir, nas relações sociais, no corte de cabelo das mulheres etc). Assim, Freyre revelava-se, desde jovem, herdeiro da tradição oligárquica e patriarcal da elite açucareira pernambucana.

Os textos de contestação à estrutura política do início da República abrangiam a denúncia do exotismo do liberalismo e deterioração das tradições regionais, e podem ser compreendidos como meio de contornar a crise econômica e o declínio do peso político do Nordeste no cenário nacional. Talvez estes aspectos levassem à recepção intelectual até a primeira metade do século XX, à interrogação diante das posições ideológicas de Freyre, por gerar a ambiguidade em relação às críticas, que afetava também o arranjo oligárquico da Primeira República – porém, não eram esses os alvos centrais de Freyre. Em escala local, na esfera do cotidiano, seus textos giravam sob o eixo dos costumes e do enaltecimento das relações construídas a partir das tradições, em detrimento da aceleração imposta pela modernidade.

Em termos metodológicos Freyre, nos anos 1920, apresentava sofisticação e certo exotismo em vista dos objetos apresentados como alvo de investigação. Avançava sobre objetos de observação pouco visitados ou tidos como indignos de pesquisa, como a culinária, a questão ambiental, e grupos que não

despertavam interesse da intelectualidade das primeiras décadas do século XX. Em seu artigo 67, da série de 1 a 100 no Diário de Pernambuco, o sociólogo apresentava "o moleque brasileiro é hoje um caso a estudar. À margem da família brasileira há que escrever a história do moleque" (Freyre 1924: 1).

Porém, quando suas crônicas dominicais envolviam o cotidiano, por vezes sobressaía o desconforto de Freyre às mudanças que se operavam em torno da tecnologia, das questões de comportamento e costumes. Nessas colunas, havia a crítica à aceleração imposta pelo modelo de progresso que se estabelecia – mesmo em relação aos transportes coletivos: "Menino, ainda conheci no Recife os velhos 'bonds' tirados a burro, morosos e bons. Eram tão lentos que faziam esquecer o tempo. Era uma escola da paciência. (...)/ Agora, com os vertiginosos elétricos raro é o dia que me não é dado nos nervos o 'frisson' de assistir alguma acrobacia de possibilidades trágicas ou macabras" (Freyre 1924a: 1).

A associação ao salazarismo apenas sublinhou sua vinculação à direita e às concepções conservadoras, ou na melhor das hipóteses, de valorização das tradições em detrimento da modernidade, da democracia e do liberalismo, mas não foi um ponto de inflexão ou uma mudança de rota nos escritos de Gilberto Freyre. Ao destacar a complexidade da obra de Gilberto Freyre, o que é um fato, Candeas (2010: 161) afirma que sua obra pode ser perpassada pela ambiguidade, em virtude de leitura "(...) superficial e condicionada por apriorismos ideológicos por ter sido utilizada, de forma abusiva e seletiva por regimes autoritários no Brasil e em Portugal". Todavia, não se pode compreender as produções (seja no campo literário ou no espaço científico) como neutras ou destituídas de seu contexto de produção.

O médico: Freyre e a atuação (política) do intelectual

Freyre como intelectual e sujeito atuante na arena pública, era revestido de intenções e objetivos, defendia, ainda nos anos 1920, projetos e agendas políticas. É necessário compreender que a vida intelectual, como em quaisquer outros espaços sociais, é dotada de nacionalismos e imperialismos, apesar da necessidade que o campo intelectual exige de circulação transnacional. Desse modo, é fundamental mapear e rastrear os interesses, estereótipos, representações e projetos que os intelectuais desejam quando registram e publicam o manuscrito (Bourdieu 2002: 4-5).

Como um intelectual que foi, Freyre tinha consciência dos usos políticos de suas obras, além de ele próprio utilizá-las com finalidade política e mecanismos de reagir ao imperialismo (cultural e político) – inicialmente nazista (Candeas 2010: 164), e posteriormente anglo-saxão – e em defesa do patrimônio

cultural e das tradições brasileiras e, nos anos 1940 e seguintes, lusotropical. Metodologicamente é obrigatório considerar os laços existentes entre a história intelectual e a história política.

Tais vínculos entre o intelectual e o político foram estabelecidos na origem do conceito contemporâneo de intelectual, a partir do Caso Dreyfus (1894), quando pensadores como Zola, Durkheim, Anatole France, Henri Poincaré abandonaram momentaneamente a cátedra para posicionarem-se na arena pública em defesa do militar judeu, que foi culpado de espionagem com provas frágeis e julgamento tendencioso. Desse modo, o intelectual não é revestido somente pela erudição típica de seu ofício, ou pela bagagem cultural de que é dotado, mas pelo compromisso social de mobilizar ou conservar, na arena pública e na sociedade civil. A atuação do intelectual assume assim vínculo intrínseco com a política (Dosse 2007: 76).

A partir da reabilitação da história política, principalmente após os anos 1960, há a vocação à análise do comportamento coletivo, movimentos de opinião, assim como consolidação ou alteração de ideias, culturas e mentalidades. Logo, é possível fazer a história política das relações intelectuais, diante destes espaços de mediação e interseção partilhados pelos dois campos, e assim perceber os itinerários intelectuais, os espaços e redes de sociabilidade, assim como as estruturas geracionais (Sirinelli 1990: 17).

Ao analisar o trajeto de Freyre, Pallares-Burke e Burke (2009: 153), através de Edward Said, apresentam a condição e o sentimento de exílio como uma das marcas dos intelectuais. Através da visão constantemente *outsider*, tal sujeito é encorajado a examinar e ver o mundo de ângulos não convencionais. Ao completar seus estudos nos EUA, e passar um período na Europa, Freyre construiu seu olhar do exilado, e, de certo modo, não se dispersou ao retornar para Recife em 1923.

Em Wacco, Freyre consolidou um estilo de escrita jornalístico, não linear, que de certo modo o acompanhou ao longo de sua extensa produção intelectual. Nos EUA, precocemente se notava o olhar aguçado do jovem brasileiro às questões políticas, culturais e religiosas, associadas à vida cotidiana de uma universidade do interior estadunidense, com astúcia etnográfica. Por outro lado, pouco ou nada se lia em sua coluna dominical no *Diário de Pernambuco*, referente à questão da discriminação racial presenciada no país onde completou seus estudos (Larreta; Giucci 2007: 113), talvez, por ainda carregar fortemente a herança escravista das oligarquias açucareiras de que descendia.

Pallares-Burke e Burke (2009) compreendem que a dificuldade de Freyre em seguir carreira duradoura em instituição de ensino superior ou agência de Estado o definiam como intelectual *outsider*. "Não-acadêmico em vez de antiacadêmico, Freyre estava sempre pronto a elogiar os intelectuais que não se

confinavam as suas estreitas especialidades ou não estavam confortavelmente estabelecidos em suas torres de marfim" (Pallares-Burke; Burke 2009: 159).

Através das agendas e lutas que Gilberto Freyre estabelecia, daquilo que provocava descontentamento, e suas influências intelectuais, é possível estabelecer algumas considerações referentes ao tipo de intelectual que Freyre encarnava. Mal completados vinte anos, Freyre demonstrava seu incômodo com a especialização e o individualismo que invadiam o cotidiano ao perceber esses traços nos EUA. "Os Estados Unidos parecem ter adquirido da Alemanha a mania de especialização a todo o panno, até o último requinte e ao exagero. Isto nas industrias, no comércio, na organização de serviços públicos, no ensino, na medicina – em tudo, enfim" (Freyre 1921: 3). Esse repúdio, a partir de meados dos anos 1920, quando já estabelecido no Recife, tomou forma de elemento regionalista e de defesa da tradição. Desse modo, não houve mudança de perfil ou uma ruptura, mas aprofundamento de sua aversão à modernidade, demonstrada desde o final dos anos 1910.

Apesar de ter nascido em 1900, Freyre trazia para seus textos combates coerentes aos finais do século XIX, como o repúdio ao avanço imperialismo anglo-saxão (Capelato 2003). Avesso à especialização que avançou em diversos campos, entre os quais o científico, a partir da segunda metade do século XIX, Freyre valorizava a formação ampliada e genérica. Isso pode ser percebido pelas disciplinas que cursou nos EUA, onde se matriculou em leque variado e pouco ortodoxo em Baylor, entre as quais Zoologia, Psicologia e Princípios de Economia (Larreta; Giucci 2007: 594).

Ao descrever a posição social dos intelectuais brasileiros das gerações de 1920-1940, Daniel Pécault (1990: 19) apresenta o quadro de decadência de status em decorrência da ampliação do acesso ao mercado de bens culturais, o que forçou a profissionalização dos sujeitos provenientes deste grupo, em muitos casos. Tal contexto é diverso do apresentado no século XIX, onde intelectuais e artistas se viam patrocinados pelos imperadores, com ênfase a D. Pedro II, através de prebendas e honrarias. Esse panorama permitia a formação plural. Após a proclamação da República houve a exigência da especialização pelas carreiras profissionais, para concorrerem a cargos públicos ou oferecerem serviços a determinado governo, diante da impessoalidade e do individualismo presente no liberalismo, adotado pelo novo regime.

A recusa de Freyre em seguir tal percurso fornece indícios de uma não inserção na geração a que biológica ou cronologicamente ele estaria vinculado. Desse modo, ao se deter sobre os intelectuais, é necessário compreender que o fenômeno geracional não se aplica à data de nascimento comum, mas às formas que são percebidas as experiências traumáticas, espaços e redes de sociabilidades partilhadas e trajetórias comuns (Dosse, 2007: 46). Esses aspectos fazem de Freyre mais próximo da Geração de 1898 da Espanha, distanciando-o

da geração de 1920 dos pensadores do Estado Brasileiro, compreendidos nas análises de Pécault (1990).

Desse modo, entende-se Freyre como um intelectual da geração dos finais do século XIX, apesar de ter nascido em 1900. Além disso, há a proposta, um tanto arriscada, de perceber Gilberto Freyre dotado mais de permanências que rupturas. Portanto, há a intenção de rebater os cortes, organizações e divisões que procederam sobre sua obra, com o intuito de habilitar alguns períodos, e separar outros, tal como o joio do trigo. Ora, não se pretende aqui fazer qualquer tipo de julgamento ou demonização do sociólogo – e de imediato presta-se reverência pelos campos variados que inaugurou na História, tais como a história das mentalidades, a história do cotidiano, e evidentemente sua atuação por conferir ao negro protagonismo na formação da identidade brasileira em seus diferentes aspectos. Por outro lado, não se pode compreender o autor destituindo suas contradições, para assim dotar artificialmente sua trajetória de uma racionalidade da qual não estava imbuído no ato de sua produção (Bourdieu 2006: 184).

O médico é o monstro: análise das colunas do Diário de Pernambuco e obras do lusotropicalismo

Os textos, tal como os discursos de modo geral, são originados correspondendo a determinadas condições de produção e recepção. Portanto, para compreender o significado do texto, não basta a sua interpretação interna, mas a decodificação das conjunturas em que esse texto é coerente, tal como os que levaram à sua criação, assim como as especificidades das redes de mediação que contribuíram ou não para sua recepção (Ansart, 1977: 15). Para se compreender os textos de Gilberto Freyre, deve-se antes detectar as demandas a que ele buscava corresponder e oferecer alternativas, quem eram seus interlocutores, o que era compreendido como cenário de crise e quais as possibilidades de restauração ou saída de tal crise.

A virada do século XIX para o XX foi traumática para o mundo hispânico. Se a Espanha perdia seus últimos territórios coloniais para os EUA, na guerra hispano-americana, os países latino-americanos sofriam diretamente com o imperialismo estadunidense. Essas conjunturas foram responsáveis pela reaproximação e retomada do diálogo entre intelectuais latino-americanos e espanhóis como resposta à expansão anglo-saxã sobre o humanismo ibérico (Capelato, 2003: 38), solapado pelas práticas e recursos (financeiros, tecnológicos, culturais) inaugurados com a modernidade.

Como consequência da decadência do império espanhol, a geração de 1898, não por acaso conhecida como a geração do “Desastre”, trouxe consigo

tensões entre se inserir na modernidade – e reconhecer a derrota do humanismo ibérico – ou manter tal tradição (Gouveia, 2011: 2-3), porém, estabelecendo estratégias para reagir ao declínio e recuperar este patrimônio e civilização. Diante desses aspectos, há a projeção de grupo intelectual refratário às noções de progresso, iluminismo, liberalismo e individualismo: os antimodernos (Compaignon 2011: 227). Estes eram nascidos na democracia, porém desejosos da sociedade orgânica, por compreenderem esta como elemento original da nacionalidade que entrou em decadência e foi corrompida de alguma forma ao aderir ao liberalismo.

Por nutrirem a busca pela tradição e pelo nacionalismo mais elementar e original, desacreditavam qualquer concepção de universalismo – desde a concepção do Homem, até o direito ao voto. Desse modo, em lugar da crença na igualdade natural entre os homens, compreendiam a diferença como elemento de equilíbrio e sanidade social (algo que será defendido, através do "equilíbrio dos antagonismos", como base para a democracia racial de Freyre). Nesta sociedade buscada, a família e não o indivíduo assumiria o núcleo indivisível e seria a escala reduzida do modelo social e organizado pretendido. Agregada a isso, a tradição seria a defesa de qualquer ameaça de desnacionalização, sendo a Igreja um suporte fundamental.

Nos debates com Ganivet, Miguel de Unamuno propunha a modernização para a fuga da decadência, e europeização da Espanha, entretanto, tal proposta foi abandonada progressivamente, cedendo lugar para uma "solução espiritual", onde a identidade ibérica e hispânica fosse projetada. Ganivet, por sua vez, entendia que o espírito da hispanidade seria indissociável da moral cristã, caminho para a verdadeira essência ibérica e ibero-americana (Capelato, 2003: 43-44). Conforme será visto à frente, Ganivet exerce influência nas concepções políticas e teóricas de Freyre. Tal influência é acusada, visto que Freyre tomou contato com *Idearium Español*, ainda em sua fase de estudante, em Nova York (González-Velasco 2021: 320), mas também indireta, a partir de António Sardinha e seu projeto de Aliança Peninsular.

Apesar de estar nos EUA, em seu período de estudo, Freyre esteve entre alunos latino-americanos, em projetos editoriais no sentido de projetar pesquisas e textos em idioma ou temas castelhanos e em português. Assim foi o caso da revista "El estudante latino-americano", que Freyre dirigiu juntamente como o chileno Oscar Gactua (Freyre 1922: 4). Para além dos contatos e espaço de sociabilidade, as influências se manifestam intelectual e ideologicamente. Freyre manifesta como característica marcante o retorno às tradições e a preservação das raízes culturais através da valorização do regionalismo (aspecto que, após os anos 1950, não será prejudicado com o lusotropicalismo, mas sim apresentado em consórcio). Tal como Ganivet, Freyre entendia que a modernização provocou crise dos valores nacionais. E em mesma esteira que o

granadino e, ao lado de Unamuno, o então estudante pernambucano entendia a retomada da identidade através do popular e das tradições (Baggio 2010: 24).

A identidade e as tradições nacionais, para Freyre, foram corrompidas com as concepções estrangeiras – como a alfabetização em larga escala, o liberalismo e a democracia. Apesar de não ser referência recorrente em seus textos e obras, havia ressonâncias entre as concepções de Freyre e Ortega y Gasset, principalmente em relação à maneira de compreender a democracia e a politização das massas. Ortega y Gasset era pessimista às "inovações políticas", por atribuir poder a indivíduos e grupos historicamente despreparados, por não possuírem a disciplina necessária para as funções incumbidas. "Hoje assistimos ao triunfo de uma hiper-democracia em que a massa atua diretamente sem lei, por meio de pressões materiais, impondo suas aspirações e seus gostos" (Ortega y Gasset 2001: 20). Em julho de 1922, Freyre se expressava em termos semelhantes sobre a democracia, mas também acrescentava sobre a educação universal e o desenvolvimento da erudição – não necessariamente, segundo ele, vinculada ao letramento – e à identidade nacional, aspectos estes que seriam considerados para Ganivet constituintes do "espírito":

> Ao meu ver, o facto de possuírem os Estados Unidos considerável massa de publico meio educado, cujo gosto dos jornais e romancistas procuram adaptar-se, explica a inferioridade de sua literatura quando comparada, por exemplo, a dum pais de milhões de analfabetos como a Rússia. Igual confronto poderia estabelecer-se entre a feliz democracia de relojoeiros, hoteleiros e pedagogos, que é a Suíça e a meio mediévica Hespanha, possuidora, entretanto de forte literatura dramática. (Freyre, 1922a :3)

Aqui, há a defesa da exterioridade da escolaridade ou do letramento em escala universal, sendo este irrelevante para a produção de uma literatura forte e potente. Ao contrário, antes da instrução técnica, seria necessário alimentar a população com elementos tradicionais e com essência nacional, e estes seriam decodificados e interpretados por uma elite, traduzindo tais sentimentos em literatura de qualidade.

Por outro lado, Freyre menosprezava a democracia, e rebatia que a participação popular na política seria substrato para a elevação intelectual da população. Esta é apenas uma das referências em que Gilberto Freyre ridiculariza a Suíça, onde a democracia e a alfabetização eram destacadas, e todavia, só ofereceria ao mundo "(...) relógios, latas de leite condensado, Jean Jacques Rousseau, Haller e queijos – artigos todos facilmente substituíveis, quando não dispensáveis" (Freyre 1923: 1). A superficialidade da alfabetização foi assunto constante de Freyre, sendo encontrado em obras dos anos 1940.

A pouca importância à instrução letrada seria decorrente de Freyre prestigiar a oralidade, os relatos contados em conversas e passados por gerações.

Tal como Ganivet, Freyre compreendia que o desenvolvimento técnico era importante para países que promoveram a modernidade, mas caso adotados por Brasil, México, entre outros, representaria a fragilização das relações sociais, a partir da ruptura da oralidade, entre outras tradições. Em *Novo Mundo nos Trópicos* (primeira edição de 1945), havia a seguinte afirmação – reproduzida integralmente em *Interpretação do Brasil*, de 1947 (Freyre 2001: 88-89).

> Na verdade, ler e escrever são meios de comunicação muito úteis para civilizações e para formas de organização democráticas. (...). Em países como a China, a Índia, o México e o Brasil, as massas não têm hoje, provavelmente, a mesma necessidade de saber ler e escrever, como meios de se modernizarem, que tiveram as massas na Europa Ocidental e no Estados Unidos, durante o século XIX, e mesmo a Rússia soviética no começo desse século (Freyre 1971: 49).

Portanto, a aversão à democracia não foi provocada ou destacada pela aproximação do sociólogo pernambucano a regimes de extrema-direita após a II Guerra Mundial, mas era um aspecto manifesto desde sua juventude, ainda quando aluno nos Estados Unidos. O mesmo pode ser dito dos aspectos referentes à condenação da modernidade, e preservação das tradições – ainda que para isso fosse necessário estabelecer críticas à alfabetização de maneira universal, entendida como exterioridade, típica de países modernos ou de formas de organizações democráticas. Todavia, se aplicado no Brasil, promoveria a desagregação das tradições.

Freyre valorizava as superstições, o folclore e os contos populares, considerando-os mais importantes que as descobertas científicas, visto que essas são constantemente superadas, enquanto as tradições são sagradas pela sua estabilidade por gerações.

> É que nas superstições há muitas vezes alguma coisa de subterraneamente verdadeira. Alguma coisa de "plus réel que le réel" de que fala o sr. Cocteau. A prova é que "essas asneiras tradicionais" – assim como as chama um espírito emancipado – duram século, enquanto as "verdades cientificas" das histórias naturais estão sempre a mudar. Enfim o que eu lamento é que estejam a desaparecer as pretas contadoras de historias (Freyre 1925a: 1).

A ciência – como representação dos progressos tecnológicos, símbolos da civilização inaugurada pelo iluminismo e conduzida pelos anglo-saxões –, portanto, colocava-se como antagonista das tradições, das superstições e da oralidade. Além disso, a técnica e a tecnologia seriam responsáveis pela desagregação da estrutura social dos períodos anteriores à hegemonia capitalista. Isto é tornado claro na última frase: "Enfim o que eu lamento é que estejam a desaparecer as pretas contadoras de histórias". Aqui não se fazia menção somente a cor da pele, mas a função de amas e mucamas que algumas

mulheres negras ocupavam na Casa Grande dos senhores de engenho até o final do século XIX. O aspecto negativo da tecnologia apresentado em Freyre, como dito, tem sua influência em Ganivet "o qual chegou á gloriosa era da luz elétrica com o culto da Lamparina de Azeite, pura e inalterada. / É que para o esquisito granadino o abuso da luz – permitida pela eletricidade – acabaria dissolvendo a vida da família" (Freyre 1925b: 1)

De maneira direta, Freyre apresentava o liberalismo como elemento pernicioso ao Brasil, em seus textos dos anos 1920, e para isso utilizava referências de autores portugueses e espanhóis, indicando a organização, ainda que intuitiva das bases para o que nos anos 1940 chamou de civilização lusotropical. Não se deve ignorar o intercambio mantido entre Freyre e António Sardinha por troca de correspondências, por meio da qual Sardinha enviou a obra Aliança Peninsular, de sua autoria, recebida por Freyre em dezembro de 1924.

Desse modo, através das influências ibéricas, Freyre construía ou confirmava os males que o liberalismo oferecia, como elemento externo, que ao invadir um corpo, este não o recebia bem e caia doente. "Já Anthero [de Quental] sentia ser inconciliáveis em Portugal o nacionalismo e o liberalismo. E quanto mais o serão na Hespanha! Não se imagina uma Hespanha hespanhola com a ordem política e social duma Suíça de relojoeiros e calvinistas ou dum Ohio, em que todos os cidadãos se penteiam da mesma maneira" (Freyre 1924b: 3). Como solução, o mesmo Freyre engajado no Centro regionalista do Nordeste – fundado em 18 de maio de 1924, onde desempenhou função de secretário geral – destacava a urgência de aproximar Brasil e demais países latino-americanos de Portugal e Espanha, como meio de fortalecimento de todos. Para além do sentido de progresso técnico, seria imperativo fortalecer a união, sem que isso prejudicasse as diversidades nacionais. Essa unidade seria "animada de grande espirito católico que o criou; que o fecunda; que o animou dos mais belos começos de plástica social" (Freyre 1926: 1)

O papel que a religiosidade, ou melhor, o "cristocentrismo" desempenhou no lusotropicalismo é muito próximo ao que foi pensado por Freyre no final dos anos 1920: um dos elementos de coesão da civilização lusotropical. Tida como aspecto híbrido, intermediário, mas não necessariamente uma coisa ou outra, a civilização lusotropical seria ponto de conexão entre aspectos europeus, orientais, tropicais, sendo elemento original e pitoresco aos demais projetos de civilização. O que havia de específico na civilização apresentada por Freyre é que seus alicerces não seriam construídos a partir de preconceitos de pureza racial, mas na preocupação da criação de elos de identidade e relações sociais, culturais e mesmo sexuais comuns. A religião seria um desses pontos de encontro e união afinal:

> (...) o esforço do português nos trópicos e no Oriente tem sido antes cristocêntrico – sociologicamente cristocêntrico, isto é, empenhado em comunicar a povos não cristãos um conjunto de valores independentes da raça ou mesmo da civilização nacional de quem propaga – do que etnocêntrico, como tem sido o esforço de outros europeus, nas mesmas áreas: o Holandês, o Inglês, o Francês e todos dentro desses particularismos europeus; (...). (Freyre 1961: 14)

A ênfase no elemento religioso como cimento do lusotropicalismo, tal como nos anos 1920 Freyre sinalizava de maneira intuitiva, vinha acompanhado de outros elementos, alguns que já eram assinalados nas suas crônicas nos anos 1920 e nas suas obras, na década seguinte, tal como a escravidão e a miscigenação. O aspecto que alçava a civilização lusotropical à singularidade era justamente a ausência de tabus em relação às questões sexuais interraciais, o intercâmbio cultural e a partir desses, a operação plástica de uma nova identidade. "Do luso-tropicalismo não nos esquecemos de que é quase impossível separar o que sempre houve de cristocêntrico na expansão portuguesa, a serviço do qual operou, além da escravidão, a própria poligamia, para não falar da miscigenação" (Freyre 1953: 80). Desses modo, Freyre se aproximava de Ganivet e seu conceito de espirito.

Ganivet projetava o *espírito* como iniciativa para unificar através dos fios da intelectualidade – e do sentimento compartilhado pelos espanhóis, portugueses, brasileiros e ex-colônias – um tecido cosmopolita e representativo da identidade comum do humanismo ibérico. Para tanto, a religiosidade ocuparia função central nesta projeção de unidade transnacional vislumbrada pelo granadino. A religiosidade em sua forma flexível, a sensualidade e a exaltação da ação e da aventura constituíram engrenagens da formação do *espírito* espanhol (Ganivet 1897: 68). O aspecto de pureza racial estava em segundo plano, diante dos interesses de preservação do patrimônio cultural hispânico.

Assim, Freyre contrastava a colonização portuguesa, de outras como a inglesa, a qual classificava como arte política. Nesses aspecto, concluía que a Inglaterra conseguiu grandes vitórias, porém transitórias. Os objetivos da colonização eram superficiais, cenográficos. Em contraste, havia a obra de engenharia social colocada em prática por Portugal, atingindo estruturas subterrâneas, com o intuito de fundar sociedades. "É que o povo que faz obra de engenharia social faz obra de base e não de superfície. Deita raízes, em vez de contentar-se em transformar capinzais em parques, matagais em jardins, filhos de marajás em 'Oxford men'" (Freyre 1952: 5). Para compreender as bases de tal engenharia social, estabilidade sobre a plasticidade da identidade portuguesa, Freyre recorre à fórmula encontrada em *Casa Grande & Senzala,* onde a mestiçagem não seria consequência das relações dos portugueses com o "outro", mas a própria causa da formação da população de Portugal e Espanha.

Assim, tal caráter plástico encontra-se na raiz da formação dos povos ibéricos. Concluía Freyre (1971: 36): "Mas o resultado geral do longo contato dos espanhóis e dos portugueses com os árabes, ou mouros e os judeus resultou antes em integração, ou equilíbrio, de elementos antagônicos do que em separação ou diferenciação ostensiva de qualquer deles; ou em choque violento entre eles".

A utilização do conceito sociológico de "equilíbrio dos antagonismos" é um elemento singular e fundamental na obra de Freyre, por ser coerente com sua proposta de civilização, construída sob a harmonia, o que não desqualifica as relações de violência. Tais elementos, aparentemente contrastantes, encontrariam acolhida na democracia racial, regida e dominada pelo patriarcalismo e pela aversão ao individualismo. Como instrumento de análise sociológica, o conceito de "equilíbrio dos antagonismos" surgiu de Herbert Spencer, onde afirmava que o consenso de opiniões antagônicas traria a verdade, visto que nenhum dos lados estaria completamente correto ou completamente equivocado (Pallares-Burke; Burke 2009: 98). Nesses termos, o Brasil não se inseria perfeitamente na civilização inaugurada pela modernidade.

Apesar de ser colonizado por Portugal, a sociedade e a identidade brasileira guardavam em si elementos que não eram puramente ocidentais ou europeus. "É sob vários aspectos extra-europeia. Ou mais-que-europeia" (Freyre 1971: 130). Freyre percebeu precocemente que Portugal e Espanha foram suplantadas por modelo antagonista de política e economia, tipicamente europeu e ocidental, colocando os países ibéricos em posição intermediária entre Europa e África, Ocidente e Oriente. Essa posição de trânsito fez dos dois países formadores de civilização dotados de originalidade e singularidade. Nos anos 1920, compreendia que "de fato a inadaptação hispanica ao ritmo europeu começou com a vitória no sentido técnico ou mecânico de vida – o sentido germânico ou norte-americano ou seja de 'Progresso' sobre o sentido de civilização" (Freyre 1926a: 1). Diante deste "desencontro" nos rumos do desenvolvimento evolutivo do progresso, imposto pela modernidade, houve a necessidade de compreender, através da noção de sincronia e diacronia, a possibilidade de existência de outras civilizações, em detrimento aquela hegemonia, a ocidental, resultado da modernidade e conduzida pelo sentido germânico ou anglo saxão.

Em lugar da competitividade, do individualismo e da impessoalidade, este modelo de civilização seria igualmente democrático, mas não nos termos políticos e liberais (pois estes seriam avessos as bases e essência deste patrimônio civilizacional). "Os portugueses encontraram na América tropical espaço ideal para a expansão e desenvolvimento de sua civilização etnicamente democrática – apesar dessa civilização ter sido, em alguns aspectos, aristocrática e mesmo feudal a Civilização que começou a florescer nos trópicos africanos

e asiáticos" (Freyre 1971: 132). Desse modo, o lusotropicalismo possuiria elementos democráticos respaldados no afeto, e não na impessoalidade típica do liberalismo.

A família seria o elemento de ampliação do poder patriarcal, espécie de árbitro nas tenções e relações cotidianas. As relações poligâmicas seriam, nessa estrutura, a garantia da estabilidade de tal democracia étnica, apesar da estrutura ser reconhecidamente organizada sob bases aristocráticas, visto que não haveria distinção entre os filhos, tampouco discriminações de cor ou raça, como presentes nos Estados Unidos ou em colônias de outros países europeus, exceto Portugal. A civilização lusotropical seria específica do comportamento português no mundo, tal como a forma de se ver e reproduzir seus costumes, política, cultura e sociedade. Diante de sua essência plástica, e sua localização intermediária (entre Ocidente e Oriente, Europa e África), o português optou pelos trópicos como espaço e ambiente de crescer e multiplicar, porém, sem desqualificar ou excluir a existência do outro (Freyre 1971: 138). Nessas formas de comportamento, prestigiando o vigor das relações híbridas, criam-se tipos aptos ao clima, à sociabilidade e ao ambiente, e de outro modo, se reproduz de maneira alterada a identidade portuguesa. Apesar de aparentemente contraditório, tais valores encontrariam a harmonia e o equilíbrio, através da plasticidade, desprezando qualquer noção de pureza racial (Freyre 1953: 130).

As bases teóricas onde tensões aparentes culminariam para o ambiente harmonioso estiveram presentes no projeto de regionalismo defendido por Freyre. A proposta defendida não era antagonista ao projeto de nacionalismo, do mesmo modo que nacionalismo poderia estar integrado à dinâmica do universalismo. Esse regionalismo não propunha, portanto, a fragmentação, mas "um Brasil livre de tutelas que tendem a reduzir a feudos certas regiões". (Freyre 1926b: 3). A partir da premissa do respeito à diversidade, neste regime verdadeiramente federativo, poderia emergir, segundo Freyre, um "alto sentido de cultura nacional".

Assim, a proposta se posicionava em campo oposto aos Modernistas de São Paulo, compreendidos por Freyre como futuristas. "A mocidade de S. Paulo, que eu suponho a mais culta do Brasil, sofre neste momento a nevrose que entre nós chama indistinctamente futurismo. É pena. E esta mocidade devia estar a ler a D. Quixote, Romeu e Julieta e Menina e Moça. Mas está, sem nenhuma noção do ridículo, arremedando Dada" (Freyre 1923a: 3). Freyre integrava o regionalismo em perspectiva transnacional, conectado a interesse no popular, a obra de outros países com mesmas preocupações. Por outro lado, acusava à "mocidade de S. Paulo" de olhar para fora, para as modas artísticas europeias, sem a devida observação com os vínculos nacionais. Freyre entendia o dadaísmo na Europa, como um alívio à arte cansada, e o apelo ao espírito renovador. Porém no Brasil, se compreendia que tudo estava por ser feito, e

a partir daquilo que há de mais primitivo e puro, que era o aspecto popular e regional. Assim, se justificava o apelo às superstições e tradições populares, tal como a culinária regional e a oralidade.

> Nosso movimento não pretende senão inspirar uma nova organização do Brasil. Uma organização em que as vestes em que anda metida a República – roupas feitas, roupagens exóticas, veludos para frios, peles para gelos que não existem por aqui – sejam substituídas não por outras roupas feitas por modista estrangeiro, mas vestido por túnicas costuradas pachorramente em casa: aos poucos e toda sob medida (Freyre 1996: 2).

Em *Aventura e Rotina*, obra que foi resultado das excursões por Portugal e suas colônias, ou "províncias ultramarinas", o sociólogo pernambucano utilizava do método descrito em citação acima para analisar a canja que tomou em terras portuguesas: "A canja foi assimilada da Índia pelo português: não é sopa castiça ou peninsular na sua origem" (Freyre 1953a: 108). Freyre propunha com o regionalismo nos anos 1920, o que buscou metodologicamente como o lusotropicalismo nos anos 1940 e décadas seguintes: os homens integrados na paisagem e no ambiente. Assim, a cultura material assumiria significado, e se habilitaria ao estudo de roupas, culinária, arquitetura com propósitos de decodificar os significados nestes objetos encarnados, dentro daquele espaço local e regional, coerentes àquela tradição. Portanto, há mais continuidades que rupturas entre o Gilberto Freyre dos anos 1920 e aquele que disponibilizou suas obras a serviço do Salazarismo, bem como utilizou, neste contexto, de seu protagonismo político para potencializar o capital intelectual.

Considerações Finais:

Gilberto Freyre é, de forma incontestável, um cânone na sociologia e nos estudos históricos no Brasil. Todavia, para além do mito fundador e do caráter perene de suas obras, é necessário situar o texto dentro de seu devido contexto. Deste modo, se algo foi registrado e publicado, foi de forma deliberada, cumprindo determinado intuito, e mobilizado por paixões ou projetos em que acreditava. Logo, é necessário fazer justiça com sua obra, posicionando a priori seu autor em um campo político definido, para assim acompanhar sua recepção ao longo dos diferentes contextos. O fato de fazer o mapeamento das concepções ideológicas de Gilberto Freyre ao longo de sua produção intelectual não implica deterioração da qualidade de seus textos, mas ao contrário, percebê-los como fieis a determinadas conjunturas.

Assim, a crítica a esses textos deve ser circunscrita ao espaço de experiência vivenciado por Freyre naquele determinado contexto, buscando um

debate ético com sua longa e valiosa obra. Portanto, não se deve compreender a obra como descarnada de interesses terrenos, tampouco seu autor como ciente do futuro, e portanto, de sua trajetória completa, do nascimento até seu desaparecimento. Portanto, buscou-se aqui sair do maniqueísmo entre jovem Freyre e velho Freyre, onde o primeiro seria o sociólogo e pesquisador (Dr. Jekyll, o médico) e o segundo um ideólogo de Salazar através do lusotropicalismo (Mr. Hyde, o monstro). Para se sair da encruzilhada deixada por tais divisões, é necessário diminuir os tons perversos do monstro, bem como compreender que Freyre caldeava elementos de progressismo com aspectos de conservadorismo, através do prisma de experiências que envolveram sua geração, suas tradições e sociabilidade, aprendizado e contato com o estrangeiro, entre outros fatores. Portanto, o Freyre aparentemente progressista, que afirma a importância da identidade negra na composição nacional, não eliminou, tampouco representou antagonismo com o Freyre conservador e moralista. Ele mesmo experimentou o "equilíbrio dos antagonismos" em sua formação e construção intelectual.

A partir das premissas da "Ilusão Biográfica" (Bourdieu, 2006), buscou-se aqui, de fato, dessacralizar – mas nunca desqualificar – a obra de Gilberto Freyre. Portanto, sustentou-se o objetivo de propor nova forma de observar e examinar a sua produção, inscrita não em recortes objetivos e típico-ideais, mas percebendo as permanências e contradições, os interesses, as incoerências e propostas do sujeito histórico, dentro do seu tempo, das suas aspirações e das suas contingências.

Referências bibliográficas:

Alberto Luiz Schneider, "Herança ibérica, preservacionismo e regionalismo como crítica à modernidade burguesa em Nordeste (1937) de Gilberto Freyre". Em *Anos 90,* (p. 1-20), Porto Alegre, v. 29, 2022.

Alessandro Candeas, *Trópico, cultura e desenvolvimento: a reflexão da UNESCO e a tropicologia de Gilberto Freyre*, Brasília, Unesco; Liber Livro, 2010.

Angel Ganivet, *Idearium Español,* Granada, Vda. e Hijos de Paulino V. Sabatel, 1897.

Antoine Compaignon, *Os Antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland Barthes,* Belo Horizonte, Ed.UFMG, 2011.

Claudia Castelo, *"O modo português de estar no mundo": o luso-tropicalismo e a ideologia colonial salazarista (1933-1961)*, Porto, Edições Afrontamento, 1999.

Daniel Pécault, *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*, São Paulo, Editora Ática, 1990.

Elide Rugai Bastos, "O iberismo e a reflexão sobre a democracia na obra de Gilberto Freyre". (p. 37-55), *Pró-posições,* V.17, n.3 (51), set-dez. 2006.

Enrique Rodríguez Larreta; Guillermo Giucci, *Gilberto Freyre: uma biografia cultural,* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

François Dosse, *La marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual*, Valencia, Universitat de Valencia, 2007.

Gilberto Freyre, "Da outra América". *Diário de Pernambuco*, n. 142, ano 97, Domingo, 29 de maio, 1921.

_____, "Da outra américa", *Diário de Pernambuco*, n. 87, ano 98, Domingo, 16 de abril, 1922.

_____, "Da outra américa", *Diário de Pernambuco*, n. 176, ano 98, Domingo, 30 de julho, 1922a.

_____, "3", *Diário de Pernambuco*, n. 103, ano 99, Domingo, 6 de maio, 1923.

_____, "5", *Diário de Pernambuco*, n. 115, ano 99, Domingo, 20 de maio, 1923a.

_____, "50", *Diário de Pernambuco*, n. 76, ano 99, Domingo, 30 de março, 1924a.

_____, "67", *Diário de Pernambuco*, n. 148, ano 99, Domingo, 29 de junho, 1924.

_____, "88", *Diário de Pernambuco*, n. 297, ano 99, Domingo, 21 de dezembro, 1924b.

_____, "A proposito da campanha do Sr. Hardman", *Diário de Pernambuco*, n. 84, ano 100, Domingo, 12 de abril, 1925.

_____, "92", *Diário de Pernambuco*, n. 15, ano 100, Domingo, 18 de janeiro, 1925a.

_____, "Viver às Claras", *Diário de Pernambuco*, n. 112, ano 100, Domingo, 17 de maio, 1925b.

_____, "Do intimo sentido de um grande vôo", *Diário de Pernambuco*, n. 28, ano 101, Quarta-feira, 3 de fevereiro, 1926.

_____, "Tierra!", *Diário de Pernambuco*, n. 24, ano 101, Sexta-feira, 29 de janeiro, 1926a.

_____, "Acção regionalista no Nordeste", *Diário de Pernambuco*, n. 32, ano 101, Domingo, 7 de fevereiro, 1926b.

_____, "O Contato de Portugal com o ultramar", *Jornal do Brasil*, 8 de abril, 1952.

_____, *Um brasileiro em terras portuguesas: introdução a uma possível lusotropicologia, acompanhada de conferência e discursos proferidos em Portugal e terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1953.

_____, *Aventura e Rotina: sugestões de viagem a procura das constantes portuguesas de caráter e ação,* Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1953a.

_____, *O luso e o trópico: sugestões em torno dos métodos portugueses de integração dos povos autóctones e de culturas diferentes da Europa num complexo novo de civilização lusotropical,* Lisboa, Comissão executora de comemoração do V centenário da morte do Infante D. Henrique, 1961.

_____, *Novo Mundo nos Trópicos,* São Paulo, Editora Nacional, Editora da USP, 1971.

_____, *Manifesto Regionalista*, Recife, Fundaj, Ed. Massangana, 1996.

_____, *Casa Grande & Senzala: a formação da família brasileira sob o regime da família patriarcal,* 34ª ed, Rio de Janeiro, Record, 1998.

_____, *Interpretação do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas,* São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

Jean-François Sirinelli, *Intelelctuels et passion françaises: manifestes et petitions au XX siècle,* Paris, Arthème Fayard, 1990.

José Ortega y Gasset, *A rebelião das massas*, Edição eletrônica, Editora Ridendo Castigat Mores, 2001.

Katia Gerab Baggio, "Iberismo, hispanismo e latino-americanismo no pensamento de Gilberto Freyre: ensaios e impressões de viagens". (p. 15-44). Em J.L.B Beired; C. A. S. Barbosa (orgs), *Política e identidade cultural na América Latina*, São Paulo, Cultura Acadêmica, 2010.

Maria Lúcia Pallares-Burke; Peter Burke, *Repensando os Trópicos*: *um retrato intelectual de Gilberto Freyre*, São Paulo, Editora da Unesp, 2009.

Maria Helena Rolim Capelato, "A data simbólica de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica", *História*, São Paulo, v. 22 (2), 2003, pp. 35-58.

Pablo González-Velasco, *Gilberto Freyre y España: la constante iberista en su vida y obra.* Salamanca, tese de doutoramento para o Programa de Ciências Sociais da Universidade de Salamanca, 2021.

Pierre Ansart, *Ideologies, conflits et pouvoir*, Paris, Presses univeritaires de France, 1977.

Pierre Bourdieu, "Les conditions sociales de la circulation international des idées". Em. *Actes de la recherche em sciences sociales*, Vol. 145. Dez., 2002.

_____, "A ilusão biográfica", Marieta de Moraes Ferreira; Janaina Amado; Alessandro Portelli. *Usos & abusos da história oral,* 8. Ed, Rio de Janeiro, Ed. da FGV, 2006, p. 183-191.

Regiane Cristina Gouveia, ""Geração de 1898", o "Desastre" e a retomada das relações entre Espanha e as repúblicas hispano-americanas", (p. 1-16), *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História — ANPUH*, São Paulo, julho de 2011.

Nathalie Heinich, Sociologia da Arte, Bauru (SP), Edusc, 2008.

Renan Belmonte Mazzola, *O cânone visual: as belas-artes em discurso [online],* São Paulo, Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015.